



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 14 DE FEVEREIRO DE 2002

Queria agradecer muito a presença de vocês todos aqui e dizer da importância que atribuímos à presença do Chanceler Gerhard Schröder, com esta delegação tão expressiva, que mostra o grau de amadurecimento das nossas relações e também o dinamismo das nossas economias.

Certamente, o Ministro Pedro Malan contou e comentou os desafios que temos que enfrentar, e estamos enfrentando, que não são específicos do Brasil. São comuns ao mundo de hoje, dadas as suas interligações, e colocam desafios comuns aos países. Assim como a Alemanha tem conseguido vencer os seus desafios, nós, aqui, estamos nos esforçando para fazer o mesmo.

Ano melhor, ano pior, mas temos rumo. Costumo dizer isso. Temos mantido o rumo de uma economia que precisa crescer, mas que sabe que precisa crescer de maneira sustentável. Para crescer de maneira sustentável, ela precisa não apenas preencher um conjunto de requisitos, na parte da política fiscal, da política cambial, da política monetária – e temos preenchido esses requisitos –, mas precisa também manter um contato estreito com a sociedade e precisa de legitimidade.

Talvez, o que seja mais importante assinalar aos senhores e às senhoras é o fato de que nós, hoje, no Brasil, vivemos em um país de grande liberdade. É um país democrático, em que as instituições funcionam, em que, portanto, as garantias não estão apenas na palavra de um ou de outro, ainda que este um ou outro possa ser o próprio Presidente. As garantias são dadas pelo fato de que o povo tem consciência da necessidade da manutenção de regras estáveis. E o povo brasileiro, com a estabilização da economia, aprendeu que ela não é um fenômeno meramente econômico. É um fenômeno cultural, político e social.

Hoje, vivemos um clima de democracia que requer estabilidade. Isso tem permitido, como pano de fundo, os avanços que fizemos. Ainda hoje, pela manhã, li – e já fiz referência ao Chanceler Schröder e na entrevista de imprensa que demos – o comentário feito pelo Fundo Monetário Internacional, que o Ministro Malan me enviou ontem, à noite, que mostra que, realmente, a apreciação externa do desempenho da economia brasileira é positiva. É positiva, assinalando o fato de que temos mantido coerência nas nossas políticas macroeconômicas. Mas gosto sempre de acrescentar: é positiva porque o povo brasileiro tem sabido prezar os valores da liberdade e da democracia.

Os senhores todos sabem que, nesse ano passado, não apenas houve o infausto acontecimento do 11 de setembro. Houve, no caso brasileiro, também um agravante, que foi a crise energética. Gostaria de lhes dizer que, dentro de poucos dias, falarei, na Câmara de Gerenciamento da Crise de Energia Elétrica, sobre essa questão. E vamos examinar a possibilidade de colocar um término ao racionamento, que, na verdade, já está muito diminuído.

O que aconteceu no ano passado, diante da crise energética, é uma demonstração do que acabo de lhes dizer: de um país que compreende os seus problemas. A população brasileira teve uma atitude extremamente solidária, inteligente e cooperou de forma tal que superamos as metas de racionamento que havíamos previsto. Isso não é uma coisa fácil de ser obtida. E aqui foi obtida, graças à população e, também, à mídia, aos meios de comunicação, que ajudaram a tornar consciente o nosso povo a respeito da necessidade de uma ação coordenada.

Ora, se o povo é capaz, se a sociedade é capaz e se o Governo ajuda a responder a uma situação tão dramática quanto a do ano passado, em que tivemos crise de energia e tivemos, ao mesmo tempo, o desafio tremendo do 11 de setembro, sem mencionar, enfim, as dificuldades da Argentina, isso mostra que temos, realmente, que ter fé no futuro.

Os senhores estão aqui, porque são pessoas que têm fé no futuro. Quem não tem fé no futuro não investe. Os senhores estão aqui porque investiram. E podem continuar investindo. A palavra do Presidente, muito mais do que a de uma análise econômica, é a de lhes dizer que as condições gerais do País são propícias à continuidade de uma sociedade que se transforma e que necessita de investimento.

As regras devem ser cada vez mais claras. Temos feito um esforço grande nesse sentido, não apenas nos setores de infra-estrutura, mas em todos os setores da vida brasileira.

Se há algo do qual podemos nos orgulhar no Brasil é o fato de que, também recentemente, estive aqui uma equipe, creio que do Fundo Monetário – não tenho certeza – analisando a transparência das contas públicas. E o Brasil, hoje, atingiu um grau de transparência nas contas públicas que poucos países atingiram. E não me refiro apenas aos países em desenvolvimento. Em geral. As nossas contas, hoje, são auditadas noite e dia.

Para que se tenha uma idéia, o gasto público no Brasil está todo registrado na Internet. E todos os deputados e, por consequência, toda a imprensa têm acesso imediato a ele, no computador. Cada gasto pequeno, ou grande, está registrado, automaticamente. A transparência é muito grande, do gasto público no Brasil.

Isso também faz parte da segurança, não apenas da segurança pública, que foi mencionada aqui, mas da segurança do cidadão e da segurança do investidor. Pode-se saber que as coisas se passam às claras – o que é bom e, também, o que é ruim. E o debate é amplo sobre cada questão. Por ser amplo, dá para corrigir. Podemos, a todo instante, mudar aquilo que tiver sido feito por equívoco.

Acho que isso é que convém salientar para um grupo de pessoas tão distinguido, como as que aqui estão. Os senhores conhecem, certamen-

te, muito melhor do que eu, os meândros do mercado. Conhecem, realmente, as dificuldades que existem, a cada instante, na situação financeira melhor do que eu. Mas, talvez, não tenham tanta informação quanto temos sobre o que está por trás da possibilidade de enfrentarmos esses desafios financeiros. São esses fatos. Mencionei apenas alguns.

Não queria, entretanto, deixar de fazer menção a um ou a outro aspecto econômico. Para nós, é fundamental que haja o fortalecimento do Mercosul, e que o Mercosul tenha uma relação positiva e crescente com a União Européia, não apenas em função de que isso é bom em si, mas em função de que isso é um processo, também, de aprendizado de uma globalização que não seja selvagem, de uma globalização que permita, efetivamente, falar, sem cinismo, de solidariedade.

Acesso a mercado é a forma concreta da solidariedade de que precisamos. Evidentemente, quem pede acesso dá acesso. Mas dá na medida em que recebe. Temos uma oportunidade extraordinária, agora, em maio, em uma negociação que já está sendo levada adiante entre a União Européia e o Mercosul. O mundo precisa de mais mercados organizados. O Brasil é um mercado razoavelmente grande. Junto com o Mercosul, é maior. Mas ele precisa do mercado europeu. O mercado europeu precisa do mercado daqui. Não contra ninguém. Para ajudar num processo em que, mais tarde, nós avancemos com a Alça, e que o Nafta, que já faz parte desse processo, dialogue conosco, para que possamos criar instituições modernas, que requerem cabeça nova, espírito aberto.

Essa é a mensagem também importante a transmitir. O Chanceler Schröder já se referiu a isso. O nosso comunicado se refere a isso também. Nós acreditamos que a relação Mercosul-União Européia é fundamental.

Por fim, porque não quero cansá-los, porque já discutiram bastante, queria lhes dizer que o Chanceler Schröder fez uma menção, agora, na sua entrevista de imprensa, muito interessante. Ele disse: "Olha, estão nos cobrando." Um jornalista havia perguntado por que a Alemanha não investiu mais, em comparação com outros países europeus. Ele disse: "Não investiu tanto e tão depressa, porque já investiu muito, há

muito tempo.” É verdade. Uma parte do investimento está sendo feito aqui mesmo. Está sendo feito através do mercado brasileiro e do mercado internacional, com a participação de empresas alemãs.

Costumo dizer que não existe, fora da Alemanha, nenhuma cidade que tenha tanto investimento alemão como São Paulo. Mesmo na Alemanha, não sei quantas cidades terão tantas empresas concentradas como na área da grande São Paulo. Isso faz parte desse processo de investimento.

Com isso, não quero dizer que não devam investir mais, sobretudo em infra-estrutura. Vejo com muito bons olhos a aproximação das confederações brasileira e alemã na relação de infra-estrutura. Temos necessidades grandes de investimento em infra-estrutura, não só de energia, em que é óbvio, mas também de transportes, que é uma parte fundamental, para que possamos reduzir os custos do Brasil. Temos feito grandes investimentos em telefonia, que estão avançando. Grandes investimentos em petróleo, que estão avançando. Temos uma taxa bruta de investimento na formação de capital fixo em, mais ou menos, 20% do PIB. Se o PIB é de 600 bilhões de dólares, essa taxa é de 120 bilhões de dólares, anualmente. Nesses 120 bilhões de dólares, computamos os 20 e poucos que vêm de investimento estrangeiro direto. Mas os outros 100 são feitos aqui, em parte com colaboração das empresas alemãs que estão aqui.

Temos, realmente, a necessidade de passar desse patamar de 20%, para atingir um patamar, talvez, de uns 25% de formação de capital, para poder dar uma sustentação maior ao crescimento brasileiro.

E isso vai requerer — e temos como preocupação central, neste final de mandato, e, certamente, o meu sucessor terá, seja ele quem for, porque, se não tiver, não estará ajudando o Brasil — a formação de um mercado de capitais aqui, no Brasil, para que possamos sustentar esse crescimento.

Estamos fazendo um grande empenho em algumas matérias que estão no Congresso, para acelerar a formação doméstica de capitais, para que ela possa ter um espaço grande e ser complementada pelo capital financeiro internacional, mas que aqui exista também um pólo de formação de capital, que é uma coisa importante.

A Bolsa de São Paulo é uma bolsa ativa. Precisamos dar maior visibilidade à Bolsa de São Paulo. Precisamos ter uma maior participação acionária distribuída na população. Ainda agora, uma das empresas que foram privatizadas o foi de uma maneira muito peculiar: o Governo ainda tem uma boa parte das ações da Companhia Vale do Rio Doce, mas a outra parte importante é dos fundos de pensão, basicamente, de empresas estatais ou de antigas empresas estatais. Nós, agora, vamos vender uma parte importante, que é controlada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e vamos pulverizar essas ações em bolsa, porque achamos que, para que os brasileiros se sintam participantes ativos desse processo de transformação, é importante também que eles sejam cotistas, que eles tenham participação acionária e que eles possam se beneficiar do progresso que o País está levando adiante.

Dito isso, quero reiterar meu agradecimento pessoal ao Chanceler Schröder pela sua visita aqui, pelo esforço que ele tem feito na aproximação não só do Brasil, mas da América Latina com a Europa, agradecer a todos aqui presentes e pedir-lhes que, se tiverem visto coisas boas, que falem bem alto lá fora. O que viram de mau, me escrevam uma cartinha, que vou tentar corrigir.

Muito obrigado.